

Dirk Brunke e Roger Friedlein (orgs.)
*El yo en la epopeya: nuevos espacios de subjetividad
en la poesía épica ibérica y latinoamericana del
siglo. Madri: Iberoamericana Vervuert, 2020*

José Cândido de Oliveira Martins* 

Na sequências de investigações anteriores sobre a mesma área de pesquisa, em trabalhos envolvendo alguns dos investigadores aqui reunidos (como se pode, aliás, confirmar pela informação bibliográfica acerca de cada um, no final), este volume debruça-se sobre uma temática específica do modo ou género da epopeia, como explicitado no título e a que nos referiremos adiante. Ao longo de quase três centenas de páginas e envolvendo 12 investigadores de várias universidades europeias (Alemanha, França, Espanha, Portugal), mas também da Argentina e do Brasil, os trabalhos aqui reunidos pretendem equacionar novos aspectos da poesia épica ibérica e latino americana do século XIX, um terreno de investigação ainda em fase de exploração.

Os estudos estão agrupados em quatro secções intituladas de forma bem justificada nas considerações introdutórias do volume: I – Heroicidade; II – Transgressões; III – Autentificação; e IV – Autoestilização e autorreflexividade. Aliás, na imprescindível e rica “Introdução” da obra (texto enriquecido por uma actualizada bibliografia sobre a poesia épica do século XIX), é-nos enquadrada devidamente a linha de investigação e traçada uma panorâmica dos vários contributos recolhidos neste volume que não é possível avaliar criticamente numa breve recensão.

Com efeito, no espaço ibero-americano há uma considerável tradição de estudos literários e culturais sobre a epopeia, por razões históricas consabidas, tradição centrada especialmente no mega período do classicismo (do Renascimento clássico até ao neoclassicismo setecentista) e alicerçada na época colonial. Contudo, o advento da estética do Romantismo marca uma ruptura e uma nova etapa para o género épico, muitas vezes associado aos esforços de construção do processo de identidade nacional, central em muitas culturas oitocentistas.

* Professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa, Braga, Portugal. E-mail: martins.candido@gmail.com.

Em todo o caso, e no quadro geral da natural evolução e decadências dos géneros, a hegemonia conhecida do género romanesco no sistema literário do séc. XIX não operou a completa erosão da epopeia. A par de alguns assinaláveis exemplos de sobrevivência e de reinvenção, este género ganhou entretanto novas modalidades de expressão, muitas vezes através da hibridização com outros géneros literários mais ou menos consagrados na cultura e literatura oitocentistas. Todavia, como assinalado oportunamente pelos editores, não é fácil explicar a marginalização ou “aversão” aos textos épicos oitocentistas, muitas vezes vistos como criações epigonais, face a uma tradição canónica anterior, além da sua vigência multissecular.

Ao mesmo tempo, a par desta tendência dominante para uma certa marginalização, sobretudo reiterada apressada e acriticamente, tem de reconhecer-se que alguns textos épicos oitocentistas despertaram um considerável interesse no espaço cultural e literário ibero-americano. Disso são exemplos consideráveis os poemas *Camões* (1825), em Portugal e *A confederação dos Tamoios* (1856) no Brasil, a par de muitos outros casos. Por isso, e não sendo fácil estabelecer estatísticas comparáveis com a longa época clássica anterior, para os investigadores reunidos neste volume faz todo o sentido direccionar estudos sobre esse *corpus* de textos épicos oitocentistas do espaço cultural ibérico e ibero-americano: “Desde un punto de vista general, se vuelve evidente que en Latinoamérica la cuenca rioplatense y Brasil han sido más productivos que la región andina, América Central y el Caribe” (BRUNKE, FRIEDLEIN, 2020, p. 10-11).

Ao mesmo tempo, como argumentam os organizadores – e sobretudo depois exploram os estudiosos participantes nesta obra –, convém ter presente que muitos desses textos épicos modernos se afastam consideravelmente da tradição clássica, através de vários modos de reinvenção, de tal modo que alguns desses textos nem sequer reivindicam a classificação como “epopeias”, quando muito a de “poemas épicos”. Tudo isso concorre para a preocupação central destes investigadores: “Es decir, solo pertenecen a la tradición épica en cuanto la transforman. Consecuentemente, nuestro libro no intenta establecer un corpus cerrado de la poesía épica del siglo XIX para así certificar que este género tenga más peso, una vida más larga y una muerte más tardía de lo que se pensaba” (BRUNKE, FRIEDLEIN, 2020, p.11). Num passo seguinte, explicita-se o desafio que esse *corpus* menos conhecido constitui, a par de outros poemas épicos canonizados do séc. XIX: “surgen en un proceso conflictivo con esa tradición y cómo solo pueden ser interpretados en el contexto de dicha tradición. Esos textos constituyen un acervo fascinante que forma un desafío para el lector de nuestro tiempo” (BRUNKE, FRIEDLEIN, 2020, p.11).

Neste enquadramento, nos seus importantes propósitos analíticos e sem esquecer a função determinante de “nation-building” de muitos desses textos épicos, os estudos reunidos neste volume pretendem debruçar-se sobre as mais diversas inovações literárias de alguns desses textos épicos oitocentistas. Superando uma visão tradicional da “objectividade épica”, estas investigações pretendem explorar

como o narrador épico (nas suas diversas figurações) pode ter uma presença forte no universo diegético do poema. Esse é o grande foco e ponto de encontro destas investigações: analisar a presença significativa e mesmo crescente do Eu poético nos textos épicos de Oitocentos, no quadro da subjetividade gerada pela nova estética e psicologia do Romantismo, com a valorização do sentimento e do génio criador, enquanto expressão individual nos mais diversos géneros.

Ora, é justamente nesse horizonte analítico que os estudos deste volume se organizam em torno de algumas categorias hermenêuticas e operatórias, já antes enunciados: *heroicidade, transgressões, autentificação, autoreflexividade e autoestilização* – categorias ou conceitos adequados para, no entender destes pesquisadores, “clasificar las diferentes articulaciones del yo, identificamos cuatro categorías centrales para describir las nuevas formas del narrar épico” (BRUNKE, FRIEDLEIN, 2020, p. 16). Os doze estudos aqui reunidos são assinados pelos seguintes investigadores: Andreas Gelz, Saulo Neiva, Marcos Machado Nunes, Manuel Forcadela, Marco Thomas Bosshard, Fernando Nina, José Higuera Rubio, Regina Zilberman, Dirk Brunke, Eugenia Ortiz Gambetta, Daniel Mesa Gancedo e Roger Friedlein.

Por fim, convém informar que esta obra colectiva resulta de um projecto concreto, intitulado “Das Epos unter den Bedingungen der Romantik. Transformation und Reflexion einer unmöglichen Gattung” (La epopeya bajo las condiciones del Romanticismo. Transformación y reflexión de un género imposible) de la Deutsche Forschungs- gemeinschaft (DFG).” (BRUNKE, FRIEDLEIN, 2020, p. 23). Mais ainda: os textos aqui reunidos resultam das comunicações apresentadas num colóquio internacional realizado em 2017, “El yo en la épica – espacios de la subjetividad en la poesía épica del Romanticismo iberoamericano” no Blue Square da Ruhr-Universität Bochum (Alemanha).

Face ao afirmado, e como se deixa apenas sugerido, decididamente, estamos perante um conjunto de investigações relevantes para o estudo de textos épicos do séc. XIX no espaço ibero-americano. Sobretudo mostra-se muito apreciável a persistência desta linha de investigação bem demarcada, cujos contributos decisivos não podem ser ignorados pelas revisões dos estudos recentes de história de literatura e de cultura ibero-americana.

Referências

BRUNKE, Dirk. FRIEDLEIN, Roger (orgs.). *El yo en la epopeya: nuevos espacios de subjetividad en la poesía épica ibérica y latinoamericana del siglo*. Madri: Iberoamericana – Vervuert, 2020.

Recebido em 14 de junho de 2021.

Aprovado em 28 de junho de 2021.